

A Public Intelligence traduz-se na participação de novos actores, públicos e privados, na geração de conhecimento de suporte à tomada de decisão. Impulsionado pelas novas tecnologias, o conceito tem tido um impacto significativo na forma de "fazer" jornalismo. No início de 2007, o PÚBLICO e a Inteli lançam o primeiro fórum on-line que permitirá criar um espaço dentro deste novo paradigma. Por Catarina Selada e José Rui Felizardo *

MEDIA PERMITEM NOVOS MEIOS DE INFLUENCIAR POLÍTICAS

Quando introduzimos a palavra "Intelligence" na pesquisa do Google, o primeiro resultado disponível conduz-nos ao site da CIA - "Central Intelligence Agency" dos EUA. É neste sentido que o conceito se encontra, muitas vezes, associado às questões da segurança nacional e das relações externas de uma nação.

No entanto, actualmente, a "Intelligence" assume um novo significado que transcende o "secretismo" inerente aos sistemas de informação americanos: trata-se, essencialmente, da geração e desenvolvimento colectivo de conhecimento de suporte à tomada de decisão das políticas públicas. Além do mais, esta actividade tem extravasado o domínio do 'político', para passar a considerar a participação de vários actores públicos e privados em autênticas comunidades ou redes sociais. Falamos do novo paradigma da "Public Intelligence" em oposição à tradicional ênfase na "Secret Intelligence" (ver tabela).

Comunidades em Rede

► A resolução de problemas colectivos e a definição e execução das políticas públicas deixa de ser esfera privilegiada de actuação dos poderes públicos, passando a integrar a articulação entre diversas comunidades de "intelligence": política, militar, académica, empresarial, media e sociedade civil. Não se trata apenas do fornecimento de conhecimento técnico especializado aos organismos públicos como alicerce das suas opções estratégicas, mas de uma efectiva participação e capacidade de influência das decisões por parte dos cidadãos. No fundo, emerge a noção de 'governança' em oposição ao tradicional conceito de 'governo'.

Podemos falar, de acordo com Michael Callon, influente autor na área dos estudos de ciência e tecnologia, na emergência de "fóruns híbridos" que colocam em causa a dupla dicotomia "cientistas/leigos" e "representantes políticos/cidadãos" característica das sociedades ocidentais. A primeira resulta da delegação de competências científicas e técnicas nos cientistas, através da qual a sociedade confia aos especialistas a actividade de produção de conhecimentos e saberes, prevalecendo o princípio da autonomia da ciência. A segunda assenta numa delegação de competências político-administrativas nos eleitos e funcionários do



Ascensão do novo paradigma da Public Intelligence em oposição à tradicional ênfase na Secret Intelligence

NOVO PARADIGMA DE "INTELLIGENCE"

"Secret Intelligence"	"Public Intelligence"
"Intelligence driven by policy"	"Policy driven by Intelligence"
Unilateral	Multilateral
Comunidade política	Rede de comunidades
Top-down	Bottom-up
Privilegio do "técnico"	Privilegio do "humano"
Ênfase na recolha	Ênfase na análise
Foco no curto prazo	Foco no longo prazo

Fonte: International Journal of Intelligence and Counter Intelligence, 12, 2004 (Adaptado INTELI)

Estado que encarnam a aptidão de agir em nome do designado "interesse público", confiscando a capacidade de intervenção, deliberação e decisão política dos cidadãos.

A actuação destes fóruns, enquanto espaços abertos mobilizadores de grupos heterogêneos para o debate de questões colectivas, induz uma "democratização da de-

mocracia" contribuindo para a geração de conhecimento novo e cenários alternativos de desenvolvimento e para a afirmação de actores emergentes. Trata-se, de acordo com Arriscado Nunes, investigador do CES - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, de um quadro não hegemónico de conhecimento e exercício do poder político que favorece a emancipação e a libertação.

Assim, o processo de "inteligência colectiva" contribui para o reforço das redes sociais, onde impera a colaboração, a interactividade e a partilha de informação

e conhecimento úteis para o desenvolvimento económico, social e cultural.

Jornalismo Interactivo

Esta noção de "public intelligence" facilmente se estende à esfera dos media e, em particular, do jornalismo. A ascensão do 'cidadão' enquanto participante no debate público - anteriormente dominado por políticos, comentadores ou figuras públicas e jornalistas - , conduziu à emergência de novos conceitos como 'jornalismo público', 'jornalismo participativo', 'jornalismo do cidadão' ou 'jornalismo colaborativo'. Nesta linha, o relatório We

Media (2003) define jornalismo participativo como o acto de um cidadão ou grupo de cidadãos desempenhar um papel activo no processo de recolha, análise, produção e distribuição de notícias, com vista a fornecer informação independente, fidedigna, variada, precisa e relevante para o funcionamento da democracia.

O desenvolvimento da Internet e das tecnologias de informação e comunicação, com a convergência de texto, som e imagem, vieram impulsionar significativamente esta tendência, conduzindo à afirmação de novas comunidades colectivas: blogs, wikis, podcasts, social networking, etc. De notar que, de acordo com estatísticas de Outubro de 2006, a Technorati anuncia a existência de cerca de 57 milhões de blogs, sendo que são criados cerca de 100.000 blogs por dia.

A arena virtual potencia, assim, a interactividade entre as diversas redes de "intelligence", atenuando as barreiras físicas, temporais e sociais e induzindo a emergência de um espaço público de reflexão e debate. Obviamente, o carácter verdadeiramente 'público' da "intelligence" pode ser posto em causa por questões associadas à representatividade dos grupos incluídos, à falta de qualificação e dificuldades de acesso à Internet de grande parte dos cidadãos ou pelo elitismo associado à efectiva capacidade de participação e influência das decisões. Muitos falam ainda da ausência de objectividade, imparcialidade e profissionalismo característica destes novos "cidadãos-reportéres".

No entanto, e apesar de alguns autores falarem de 'evolução' e não de 'revolução', o que é certo é que estas novas formas de jornalismo estão a provocar alterações significativas nos meios de comunicação tradicionais. Torna-se necessário reinventar a interacção dos cidadãos com os media, o que em muito ultrapassa a mera transposição de conteúdos da imprensa escrita para o mundo on-line.

É nesta linha que o Público e a INTELI pretendem lançar o "Fórum PI" marcado pela interactividade entre o jornal e um conjunto de representantes das várias comunidades sociais ou de "intelligence".

COLABORAÇÃO INTELI - INTELIGÊNCIA EM INOVAÇÃO

Cem especialistas a pensar

O Fórum PI que o Público e a Inteli irão lançar no início de 2007 (onde PI tem o duplo significado Público-Inteli e Public Intelligence) terá como tradução prática um fórum na Internet, que será aberto à participação de todos os cidadãos. No entanto, o fórum irá contar com um núcleo de participantes permanentes, que irão constituir o Painel PI.

Os membros deste painel, cujo número se estima que deverá rondar a centena, serão convidados a título individual mas deverão representar os grandes sectores da sociedade: do Estado e da política à comunidade académica e científica, do mundo

empresarial aos media e às muitas organizações da chamada sociedade civil, sem esquecer a participação de especialistas internacionais.

O que se pede aos elementos do Painel PI? Que exponham publicamente as suas ideias em torno de temas que serão propostos no Fórum PI ao ritmo da actualidade mas sem esquecer os problemas estratégicos da inovação em Portugal, na Europa e no Mundo. Que partilhem as experiências que lhes pareçam mais interessantes. Que critiquem políticas e práticas, ideias e projectos. Que avancem propostas. E uma vez por mês será lançado aos membros do painel um

pequeno inquérito, de resposta via Web, de resposta anónima e resultados públicos, que permitirá ir monitorizando as percepções e atitude destes especialistas.

A intenção do Público e da Inteli ao lançar o Fórum PI e o Painel PI é promover o debate entre especialistas e organizar essa discussão - nomeadamente através da localização e disponibilização de dados de base e da sua crítica. E o grande objectivo é permitir que, a partir daqui, o debate se alargue à sociedade em geral e que ele seja capaz de gerar as melhores políticas. JOSÉ VÍTOR MALHEIROS E JOSÉ RUI FELIZARDO

